

UM ÍNDIO TAMBÉM FOI MASSA CRADO

É da tribo dos Parakanãs e está entre

as vítimas do fazendeiro)

Até às últimas horas de ontem era indefinido a posição da tropa da Polícia Militar do Pará, do 4º Batalhão de Marabá, quanto à entrada ou não na fazenda "Paraiso", a oitenta quilômetros de Marabá, onde, pelas informações dadas às autoridades estão cadáveres de nove colonos, entre estes o de um índio da tribo Parakanã. A tropa, composta de 60 homens, incluindo agentes da Polícia Civil está sob o comando do capitão Saldanha para o cumprimento da missão de acordo com o planejamento feito pelo delegado do município, Waldo Rodrigues. O Getat forneceu as 9 urnas para as vítimas.

Em seis viaturas e fortemente armada a diligência fez o deslocamento, de manhã, com o objetivo de entrar na "Paraiso" e retirar os nove corpos que estariam amarrados uns aos outros com cabos de aço. Pelo menos foi a denúncia das viúvas dos colonos à polícia e à Comissão Pastoral da Terra, na qual é mencionado o fazendeiro Marlon, como principal elemento envolvido na chacina, ao lado dos pistoleiros "Quincas do Ponfim" Renato e outros, todos de Imperatriz, Maranhão.

No último contato mantido com o delegado Waldo Almeida, por volta das 17:30 horas, a reportagem recebia a informação de que, a diligência continuava no local sem perspectivas de retorno. O interesse, no complemento da missão era, sem medir esforços, chegar a Marlon ou a qualquer outro dos denunciados e não apenas de resgatar os corpos, se bem que esse objetivo tenha entrado nos planos como uma espécie de "prioridade um".

A fazenda fica distante de Marabá, 80 quilômetros, na localidade denominada Igarapé Cinzeiro. Uma informação, não confirmada, dava conta de que o cadáver de um homem teria sido resgatado no Rio Itacaiúnas, mas não houve confirmação se seria de algum dos colonos chacinados. As notícias desencontradas dadas ontem em Marabá, até o final da tarde, foram muitas, deixando indefinido o quadro de expectativas. Inclusive, correram boatos de que a diligência policial havia entrado em choque armado com homens de Marlon.

A chacina ocorreu depois que Marlon julgou ter o Getat, no assentamento de famílias de posseiros, invadido os limites de sua terra, que já servia de discordia com os posseiros, tidas anteriormente como invasoras. Junto ao Getat elas conseguiram o assentamento legal, mas tiveram contra si a posição carracista de Marlon, encerrando-se o episódio com o massacre, de acordo com o descrito pelas viúvas.

Sexta-feira da semana passada, os nove colonos foram levados amarrados para a "Paraiso", numa camioneta C-10 preta e ali eliminados, amarrados com cabos de aço. Nos dias que se seguiram a matança, as famílias tentaram retirar os corpos, porém, não tiveram permissão de Marlon, ocorrendo então a denúncia à polícia de Marabá e à Comissão Pastoral da Terra, para uma tomada de providências.

O delegado Waldo Almeida, depois de falar com o delegado regional do sul do Pará, cel. PM Antônio Carlos, pediu ajuda do 4º BPM, sendo formada a diligência de 60 homens, para o deslocamento em seis viaturas, até o Igarapé Cinzeiro, seguindo a tropa ao comando do capitão Saldanha. As notícias chegadas a Marabá davam conta de que Marlon, um homem muito poderoso financeiramente, estava com seus homens em posição de guerra, para impedir a aproximação de qualquer pessoa à fazenda.

Marlon, pecuarista e garimpeiro, ultimamente vinha de constantes "bamburrações" em Serra Pelada, onde passa a maior parte de seu tempo. Sua ligação é diretamente com gente de Imperatriz, no Maranhão, de onde seria natural. Tamanha é sua influência naquela cidade maranhense que, mesmo diante de seus desmandos, a polícia nunca o incomodou, pelo menos é o que é contado em Marabá, onde Marlon fez seu "império", nas áreas da pecuária e do garimpo. Na fazenda "Paraiso" seriam constantes os pousos de aviões, em missão de negócios.

Pelo que foi informado em Marabá, é provável que, na fazenda, a polícia não encontre ninguém, embora a notícia de que ali estariam homens (pistoleiros) prontos para enfrentar quem tentasse penetrar na terra para a retirada dos corpos. Marlon e seu bando já teriam fugido de avião, para Imperatriz, beneficiados pelo tempo em que deixou as viúvas em pânico, sem permissão para resgatar os maridos executados. O tempo em que a polícia, paralelamente, ficou sem saber do ocorrido, serviu para facilitar sua fuga.

Segundo uma fonte, o índio seria Ezequiel Pereira dos Santos, 50 anos, que está entre as vítimas identificadas. Alguém o teria visto amarrado num formigueiro, no interior da "Paraiso" pouco antes de ser executado. Quatro mortos continuam sem identificação. Até agora seriam estes os colonos assassinados: Ezequiel Pereira dos Santos, José e Manoel Barbosa da Costa, irmãos gêmeos, Francisco Oliveira da Silva e José Pereira de Oliveira.

A grande expectativa, em Marabá, gira em torno da presença, hoje, do governador Jäder Barbalho. Na Praça Duque de Caxias haverá um comício do PMDB, com a presença de Jäder, quando este e outros fatos serão levados ao conhecimento do governador, podendo estar reservado, para Jäder, a apresentação dos cadáveres dos nove colonos eliminados na fazenda Paraiso.

O índio, vítima da matança, seria um Parakanã, segundo informou a CPT, podendo este detalhe ficar esclarecido somente quando do resgate dos corpos. Quando isso ocorrer serão identificados os quatro colonos que não constam na lista de denúncias em mãos da polícia. Espera o delegado Waldo Almeida que a diligência realize prisões, para poder melhor reforçar o inquérito, já iniciado.

Em Marabá o legista Osvaldo Ferreira está de sobreaviso para realizar os exames nos corpos das vítimas.